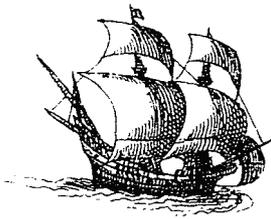


Os Jesuítas e a Chegada dos Protestantes ao Japão

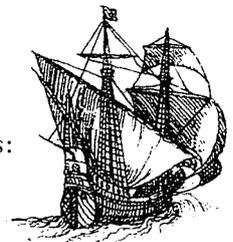
JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA*



Durante meio século, o Cristianismo apresentou-se uno aos olhos dos japoneses¹. Apesar das divergências indisfarçáveis, portugueses e espanhóis² pertenciam à mesma Igreja. Embora disputassem a hegemonia comercial e religiosa sobre o país do Sol Nascente, uns e outros procuravam criar condições para a propagação do Cristianismo no Império Nipónico³, pelo que eram encarados sob a mesma perspectiva pelas autoridades nipónicas. A partir de 1600, a situação alterou-se com a chegada dos primeiros protestantes ao arquipélago do Sol Nascente e a sua rápida associação à casa dos Tokugawa.

O FIM DO MONOPÓLIO CATÓLICO

O aparecimento do *Liefde*⁴ foi um acontecimento fortuito, que não constituiu uma ameaça imediata para o trato português no Mar da China. Nesta altura, o comércio português começava a ser prejudicado pelos ataques dos holandeses às suas linhas de navegação, mas a presença deste pequeno grupo de protestantes no Japão não marcou a abertura imediata do comércio dos japoneses com os “inimigos do Norte”. Com efeito, os produtos que vinham no navio não eram



particularmente interessantes: “alguns panos de lam, escarlatas, raxas, espelhos, vidros, alambres, coraes e muitos brincos e louçainhas de Frandes de onde elles dizem que são”⁵. Mau grado a pujança da expansão holandesa e a determinação dos armadores ingleses, a sua capacidade de penetração em mercados asiáticos periféricos como o nipónico era ainda nula.

Ainda assim, a simples presença dos rivais em solo nipónico era preocupante, pelo que o capitão-mor da nau do trato estacionado em Nagasáqui logo tentou que os recém-chegados e os seus bens lhe fossem entregues, mas Tokugawa Ieyasu⁶ não foi sensível aos argumentos dos *nanbanjin* – aqueles *kômôjin*, “homens ruivos” eram demasiado interessantes. A este propósito, uma relação anónima, redigida por um português em 1615 dá-nos a seguinte descrição:

“Quando Horácio Nerete⁷, capitão-mor da nau do trato de Macau chegou a Japão no ano de 1600 e soube que estavam presos estes holandeses, procurou que el-rei de Japão [Tokugawa Ieyasu] lhe entregasse a nau, artilharia e gente, e sobre isto deu largas lembranças a um português morador em Nagasáqui, pessoa de crédito e autoridade que duas vezes foi em seu nome visitar a el rei, e tratar-lhe dos negócios da nau, e da liberdade dos padres da Companhia, que naquele tempo andavam cultivando os cristãos com devido resguardo pela perseguição que ficou do rei anterior chamado Quambaco [Toyotomi Hieyoshi]⁸, e dar-lhe os parabéns pela grande vitória que alcançava. Porém, tratando ele este negócio com um privado d’el-rei, respondeu que já el-rei tinha dado seguro aos

* Doutorado e Agregado em História; Professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Especialista em História da Expansão Portuguesa, é autor de vasta bibliografia, tendo nomeadamente publicado trabalhos sobre a presença portuguesa na Ásia Oriental. É Coordenador do Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa.

Ph.D. Aggregate Professor of History at the Faculty of Social Sciences in Lisbon's Universidade Nova. Specialist in the History of the Portuguese Expansion, author of many works on the Portuguese in East Asia. Coordinator of the Centre for Overseas History at Lisbon's Universidade Nova.

ENCONTROS E DESENCONTOS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

holandeses e que era escusado falar nisso, e assim ficaram em Japão na forma que temos dito”⁹.

A 20 de Outubro de 1600, o visitador Alexandre Valignano manifestava a sua preocupação com a chegada desta nau e relacionava-a com o avanço geral de holandeses e ingleses no Oriente; referia ainda o perigo de os holandeses divulgarem o uso de artilharia entre os japoneses “e fação com ela grandes males”¹⁰. Na mesma altura, em Sekigahara, Tokugawa Ieyasu usava a artilharia confiscada aos holandeses¹¹.

Alguns autores, como William Corr, têm dúvidas quanto ao uso eventual das peças de artilharia na batalha¹². Não dispomos de meios que nos levem a secundar esta posição, mas parece-nos certo que a presença de canhões em Sekigahara tem uma carácter eminentemente simbólico e que estes não foram decisivos para a vitória final de Tokugawa Ieyasu. Este voltou a usar artilharia ocidental nos ataques a Osaka, em 1614 e 1615. No entanto, só em 1618, no auge da

concorrência comercial anglo-holandesa no Japão, os holandeses se dispuseram a ensinar o fabrico de peças de artilharia aos nipónicos, mas nos anos seguintes só fabricaram alguns morteiros¹³.

Apesar da ameaça que crescia a partir do Sueste Asiático, onde os neerlandeses criavam então as suas primeiras bases asiáticas, e onde podiam atacar facilmente a navegação portuguesa que ligava o Mar da China à Índia, o aparecimento do *Liefde* teve pouco eco na documentação jesuítica¹⁴.

Como referi atrás, os religiosos da Companhia de Jesus e os portugueses em geral tentaram neutralizar a influência dos recém-chegados junto do novo senhor do Japão, mas na sua correspondência com o exterior o assunto logo deixou de ser mencionado. O bispo D. Luís Cerqueira¹⁵ referiu-se-lhes numa carta de 22 de Outubro de 1600, e o visitador Alexandre Valignano numa redigida dois dias antes. O caso é ainda referido na carta anual da vice-província do Japão concluída a

Holandeses em Deshima (Nagasaki).



EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

25 de Outubro de 1600. Nesta carta os tripulantes são referidos como “ingleses” que afirmavam ser originários da Flandres e era realçado que traziam “muita e grossa artilharia e espingardaria”¹⁶. Nas missivas particulares enviadas nos anos seguintes não surgem novas referências e esse silêncio total relativo a Adams e seus companheiros é extensivo às cartas anuais seguintes, nomeadamente as de 21 de Fevereiro de 1601¹⁷, de 30 de Setembro de 1601¹⁸ e de 1 de Janeiro de 1603¹⁹.

Os laços estabelecidos entre Tokugawa Ieyasu e os sobreviventes do *Liefde*, especialmente com William Adams, o piloto inglês, foram muito mais duradouros do que se poderia prever no ocaso quinhentista, pois os holandeses tornar-se-iam nos únicos interlocutores do Japão enquanto este foi governado pelos xóguns de Edo. A obtenção desse monopólio seria o resultado, por um lado, da vitória militar holandesa sobre a concorrência europeia nos mares da Ásia Oriental²⁰ e, por outro, dum longo trabalho de sedução da casa xogunal; esta aproximação começou, todavia, não tanto pela promoção da imagem dos neerlandeses junto das autoridades nipónicas mas pelos ataques constantes aos Ibéricos. Numa altura em que o novo poder central nipónico via com algum receio a expansão do Cristianismo²¹, era precisamente um grupo de cristãos que o advertia para o perigo das movimentações dos missionários e dos mercadores que os apoiavam.

Estas manobras persistentes, aliadas ao aparecimento dos navios de comércio da VOC e da EIC, a partir da segunda década seiscentista, contribuíram decisivamente para que Tokugawa Ieyasu tomasse a decisão final contra a Cristandade.

TEMPOS DE INCERTEZA

Vinte e um homens escaparam do desastre do *Liefde*²², mas três morreram pouco depois; na carta anual de 1600 era referido que apenas quatro ou cinco se mantinham de pé. Os sobreviventes iniciaram, então, uma nova vida numa nova terra, pois quase todos ficariam aí até à sua morte. Não formavam um grupo unido e, mais tarde, Adams acusaria mesmo dois dos seus companheiros, Gisbert de Coning e Jan Abelszoon, de terem urdido uma traição para os entregar a todos aos portugueses²³. Independentemente da veracidade da acusação, que é de facto verosímil, este é um sinal claro da tensão que marcou sempre a relação entre os ibéricos e aqueles protestantes.

Os dois homens mais bem sucedidos foram William Adams e Jan Joosten van Lodensteyn; ambos tornaram-se *hatamoto*, samurais directamente dependentes do xógum, e ambos foram autorizados a enviar navios para o exterior com o selo vermelho; os dois tiveram oportunidades de regressar à Europa, mas preferiram permanecer no Japão que se tinha tornado na sua terra de adopção. Empenhados no comércio do Extremo Oriente, participaram nalgumas viagens, tendo van Lodensteyn encontrado a morte num naufrágio, em 1623²⁴.

A sobrevivência destes homens foi um rude golpe para os missionários que tudo fizeram para que fossem crucificados como ladrões²⁵; os Jesuítas tinham consciência dos novos problemas que resultavam da presença dos protestantes: estes podiam atrair os seus mercadores que já enxameavam pelos mares da Insulíndia e que começavam a afectar a ligação entre Macau e Goa; além disso, iriam denegrir a imagem do Catolicismo e dos ibéricos em geral.

Tal como referi anteriormente, temos poucas notícias sobre encontros entre os Jesuítas e os sobreviventes do *Liefde*; é certo que um padre da Companhia serviu-lhes de tradutor, em Bungo, onde chegou pouco depois do aparecimento do navio²⁶, e que Pedro Morejón, o reitor do Kinai, se encontrou com Adams em Osaka, no mês de Julho²⁷.

Embora William Adams fosse ganhando a confiança de Tokugawa Ieyasu e as suas afirmações fossem desgastando a imagem dos católicos, a ausência de mercadores holandeses ou ingleses impedia que a acção do antigo piloto fosse verdadeiramente eficaz, pois continuava a não haver alternativa aos comerciantes de Macau e de Manila. Ainda assim, o bispo D. Luís Cerqueira tentou pelo menos uma vez conseguir o afastamento daqueles homens incómodos, pois, em 1606, João Rodrigues Tçuzu, numa das suas visitas a Edo, encontrou-se com Adams e ofereceu-lhe, em nome do bispo, um salvo-conduto que garantia a si e aos seus companheiros a possibilidade de se embarcarem em Nagasáqui na nau do trato, e de deixarem o Japão em segurança²⁸.

AS FEITORIAS DE HIRADO

Apesar da sua gradual superioridade no mar, a VOC demorou alguns anos a fazer chegar os seus navios ao arquipélago nipónico. Em Fevereiro de 1608, numa

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

carta para Adams, Victor Sprinckel, feitor da VOC, em Patane, justificava o atraso pelo poderio que os portugueses ainda tinham nas águas extremo orientais²⁹. O primeiro navio destinado ao país do Sol Nascente, o *Middelburg*, deixara a Holanda em 1605, mas fora afundado na batalha de cabo Rachado, em Agosto de 1606³⁰. Depois, em 1607, perante a eminência dum acordo com a Espanha, saíram ordens de Amesterdão para que fossem alcançadas novas regiões antes daquele ser firmado³¹. Entre os navios que zarparam para o Oriente nesse ano, contavam-se o *Rode Leeuw met Pijlen* e o *Griffioen* que, a 4 de Maio de 1609, receberam ordens para avançar para o Mar da China e interceptarem a nau do trato ou estabelecerem contactos directos com os japoneses.

*Numa altura em que
o novo poder central nipónico
via com algum receio a expansão
do Cristianismo,
era precisamente um grupo
de cristãos que o advertia para
o perigo das movimentações
dos missionários e dos mercadores
que os apoiavam.*

Não tendo conseguido alcançar o navio de André Pessoa, “por ser o tempo escuro”³², os holandeses fundearam em Hirado, a 1 de Julho de 1609³³. Receberam de imediato a permissão do *bakufu* para se instalarem, fundaram uma feitoria, que ficou sob as ordens de Jacques Specx, e regressaram à Insulíndia, em Outubro.

A instalação dos neerlandeses em Hirado perturbou, naturalmente, os ibéricos em geral, pois era evidente que tanto o comércio de Macau e de Manila, como as missões, seriam afectadas. Na carta que escreveu ao rei, a 10 de Outubro de 1609, D. Luís Cerqueira mostrava uma visão lúcida da nova conjuntura, pois referia que “esta praga” chegara ao

Japão e que se permanecesse aí seria o fim do comércio luso-japonês e da cristandade³⁴. Como se sabe, o prelado, que definia pela primeira vez a situação como de “grande aflição”, acertou em cheio nas suas previsões.

Na mesma missiva, o bispo relatava que quando os holandeses fundearam em Hirado, logo os católicos iniciaram diligências junto de Ieyasu a fim de desacreditar os recém-chegados, dizendo que eram piratas e que queriam destruir o comércio de Nagasáqui. Cerqueira queixava-se que Ieyasu estava “mal informado” pelos sobreviventes do *Liefde*; referia ainda que as ofertas dadas pelos agentes da VOC consistiam em marfim roubado em Moçambique e o resto das peças roubadas em Singapura, aquando do apresamento duma nau que fazia a ligação entre Macau e a Índia. Cerqueira manifestava ainda a esperança de que os governantes se viessem a desiludir com os neerlandeses porque estes não podiam trazer ao Japão as mercadorias chinesas que lhe prometeram³⁵.

Parece-nos particularmente interessante este relato porque nos mostra como se acentuava a dinâmica de relacionamento iniciada em 1600: católicos e protestantes apostavam numa verdadeira contra-informação procurando denegrir a imagem dos inimigos por todos os meios.

Ao tomar conhecimento dos avanços dos holandeses, Filipe III pediu ao governador das Filipinas que organizasse uma esquadra que impedisse os inimigos de obterem sedas chinesas³⁶. Era evidente para todos que o sucesso dos protestantes passava pela obtenção daquele produto e o monarca sabia que, nesta ocasião, era Manila que tinha mais condições para reagir rapidamente.

Entretanto, no Japão, para lá das preocupações que se levantavam relativamente à sobrevivência do comércio e da missão, os Jesuítas terão receado, inicialmente, que os oficiais da VOC trouxessem consigo missionários protestantes. Numa carta de 15 de Março de 1610, Francisco Pasio afirmava:

“Aos holandeses concedeu o cubo [Ieyasu]³⁷ feitoria no porto de Firando e que viessem ao dito porto por eles prometerem que virão todos os anos e trarão muitas fazendas de sua terra, e tudo o que trás a nau dos portugueses e se eles continuarem com este comércio além do perigo que corre a nau dos portugueses arreceamos muito [que] semeiem em Japão heresia”³⁸.

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I



Mapa do Japão, N. Metellus, 1596.

Nesta matéria, os religiosos da Companhia de Jesus não estavam ainda a par das práticas dos holandeses que, ao contrário dos mercadores portugueses e espanhóis, não estavam interessados em complicar os seus negócios por causa da evangelização.

O assunto voltava a ser referido na carta anual de 15 de Março de 1610; no entanto, o caso não era valorizado, limitando-se o autor a relatar que os navios batavos haviam estado três meses em Hirado, que os holandeses tinham visitado Ieyasu e recebido autorização para deixar ali os seus feitores³⁹.

Em 1610, a VOC não conseguiu enviar navios a Hirado, pois os que deviam ter feito a ligação estiveram envolvidos no ataque fracassado a Manila⁴⁰. Esta falha deixou os ibéricos esperançados e permitiu-lhes intensificar a sua campanha de desacreditação dos inimigos do Norte. No entanto, o incidente com André Pessoa fizera com que também não tivesse vindo nau

de Macau e os navios japoneses que tinham demandado Manila também demoraram a regressar.

Jacques Specx, o feitor holandês em Hirado, passava também por momentos de grande ansiedade e, em Novembro de 1610, dava conta de que os comerciantes de Nagasáqui começavam a acreditar que a ausência da nau do trato resultava dos holandeses serem piratas, o que, como é notado por William Corr, no que tocava ao Mar da China não estava sequer longe da verdade⁴¹. Specx embarcou num navio de selo vermelho e navegou até Patane e negociou aí vários tecidos, que trouxe para Hirado, onde reapareceu em Julho de 1611⁴².

Em 1611, porém, fundeou em Hirado um navio holandês, o *Braeck*, vindo de Patane; não trazia uma carga verdadeiramente interessante, mas permitiu à VOC ganhar tempo, sobretudo porque dispunha do apoio dum homem da confiança dos Tokugawa,

ENCONTROS E DESENCONTOS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

William Adams, que nessa altura já substituíra João Rodrigues Tçuzu, como conselheiro de Ieyasu para o comércio externo⁴³. Adams terá desempenhado um papel fundamental nestes momentos que foram decisivos para o futuro do comércio externo japonês e de todos os concorrentes europeus que procuravam dominar os circuitos mercantis extremo orientais.

No ano seguinte, a embaixada portuguesa que visitou a corte xogunal foi confrontada com uma situação inesperada, em Suruga:

“[O embaixador levava] por língua um japonês que consigo levava de Nagasáqui e que servia aos portugueses e castelhanos neste ofício havia muitos anos, não consentiu Conzuquedono que falasse ele, nem um frade de São Francisco que também levava consigo e era boa língua, e que mandara chamar ao piloto Guilherme e o fizera servir de intérprete e que ao mesmo Guilherme deixava encomendados alguns negócios e papéis para [que] lhes negociasse.”⁴⁴

Esta lenta sedimentação da presença holandesa no arquipélago era notada nesse mesmo ano, a 10 de Maio, pelo padre João Rodrigues Girão, numa das raras cartas privadas dos missionários da Companhia com referências aos neerlandeses:

“Os holandeses vão já fazendo assento em Japão, consentidos nele [pelo] Cubo e assim fazem em Hirado uma feitoria; e o ano passado vieram com uma naveta, mas com bem fraca ou nenhuma mercadoria e dizem que hão-de tornar este ano e continuar com Japão, de onde levam mantimentos de biscoito e carnes para os que estão em Sião, e também parece para os de Maluco.”⁴⁵

Os navios holandeses reapareceram, de facto, em 1612. A 15 de Novembro, o bispo D. Luís Cerqueira queixava-se que os batavos continuavam a lançar acusações variadas contra os *nanbanin*, nomeadamente de que não pregavam o verdadeiro Evangelho⁴⁶. Os problemas dos ibéricos avolumaram-se no ano seguinte. A 5 de Outubro, D. Luís Cerqueira notificava o monarca de que, nesse ano, não viera nau holandesa, mas que chegara um navio inglês, que “traz panos e outras cousas de sua terra” e especiarias, cujos mercadores pareciam estar a operar por conta própria e não em colaboração com os neerlandeses⁴⁷.

No entanto, as maiores preocupações do prelado continuavam a relacionar-se principalmente com as



Tokugawa Ieyasu.

questiúnculas com os frades de Manila. Numa missiva escrita a 6 de Outubro desse ano, dirigindo-se ao Geral da Companhia, em que lhe dava conta das novas perseguições que haviam eclodido em Edo, Cerqueira culpava apenas os Franciscanos pelo sucedido, ignorando que a crescente presença dos protestantes estava a abrir caminho para a prossecução de uma política mais intolerante relativamente ao Cristianismo por parte de Tokugawa Ieyasu⁴⁸.

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I



Toyotomo Hieyoshi.

Os ingleses haviam começado por tentar alcançar o Japão pelo nordeste, procurando, assim, uma rota alternativa às que eram controladas pelos portugueses. Estimulados pelas informações que os Jesuítas punham a circular na Europa, logo em 1580 os dirigentes da Companhia da Moscóvia tinham despachado dois pequenos navios, de 40 e 20 toneladas, sob o comando de Arthur Pet e Charles Jackman, na expectativa de contornar a Ásia pelo norte⁴⁹. Depois, em 1602 e 1606

a Companhia da Moscóvia e a EIC organizaram em parceria duas expedições destinadas a tentar encontrar uma passagem para o Japão pelo noroeste. Foi depois de constatar a impossibilidade de o conseguirem por estas vias alternativas, que os ingleses decidiram chegar ao Japão pelas rotas do sul⁵⁰; no início do século XVII, esperavam que o arquipélago nipónico fosse um bom mercado para os seus tecidos de lã, pois a descrição de Linschoten descrevia-o como um país frio. Note-se, contudo, que a hipótese de encontrar uma rota setentrional não foi abandonada imediatamente, pois, uns anos mais tarde John Saris voltaria a propor a busca da passagem do noroeste, sugerindo que esta poderia ser procurada a partir da nova base estabelecida em Hirado⁵¹.

A sétima viagem organizada pela EIC, em 1611, foi a primeira a ter instruções para chegar às ilhas do Sol Nascente. No entanto, as informações recolhidas no Sião pelos feitores desta viagem levaram-nos a supor que o comércio do Japão era de pouca importância⁵². No mesmo ano, porém, saíu uma outra armada desta companhia, que levava ordens concretas para fundar uma feitoria no arquipélago nipónico, entre os seus objectivos secundários; constituída por três navios, zarpou a 18 de Abril de 1611, sob o comando de John Saris, que ia embarcado no *Clove*⁵³.

O *Clove* chegou ao Japão a 9 de Junho de 1613 e dois dias depois fundeou em Hirado. A 7 de Agosto, John Saris partiu para a corte xogunal na companhia de William Adams e a 8 de Setembro foi recebido em audiência por Tokugawa Ieyasu em Sunpu; quatro dias depois partiram para Edo, onde chegaram no dia 14, tendo sido recebidos por Tokugawa Hidetada logo no dia 17; a 8 de Outubro, os governantes conferiram privilégios à EIC e, a 6 de Novembro, Saris e Adams já estavam de novo em Hirado. Ieyasu sugerira que a feitoria inglesa fosse instalada em Uraga, mas os ingleses, à semelhança dos holandeses, preferiram Hirado. Saris entendeu que Bantém não seria o parceiro comercial ideal para o trato do Japão, pelo que decidiu que a feitoria iria operar com os mercados do Sião⁵⁴.

Os ingleses nunca conseguiram impor os seus interesses no Japão e a feitoria de Hirado só duraria 10 anos; no entanto, o seu aparecimento contribuiu, seguramente, para a decisão final do xogunato de romper com a Igreja e a cristandade, pois a sua atitude confirmou que os protestantes não tinham a mesma preocupação proselitista que os católicos. Os oficiais

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

da EIC tentaram ramificar os seus negócios no país, estabelecendo sub-feitorias em Tsushima, a fim de tentar penetrar no comércio nipo-coreano, no Kinai e em Edo⁵⁵, no que seguiram uma política diferente da dos portugueses e dos holandeses. Tokugawa Hidetada não a aprovaria, contudo, e, em 1616, obrigou-os a confinarem as suas actividades a Hirado.

RIVALIDADES EUROPEIAS
SOB O SOL NASCENTE

Como já referi, desde o aparecimento dos tripulantes do *Liefde* no Japão, católicos e protestantes promoveram sistemáticas campanhas recíprocas de difamação junto das autoridades nipónicas. Este relacionamento marcado pelo ódio ressalta claro numa carta escrita por William Adams, a 23 de Outubro de 1611, em que este, ao evocar a sua chegada ao Japão, referia-se aos portugueses, aos Jesuítas e aos próprios cristãos japoneses como seus “inimigos mortais”: “W’tin 2 or 3 daies after our arrivall there cam a Jesuit from a place called Langasack, w’ch place the carrack of Amakan yearly was wount to come, w’ch w’t other Japans that were Christians were our interpreters, w’ch was not to our good, our deadly ennemies being our truchmen”⁵⁶.

*Católicos e protestantes
apostavam numa verdadeira
contra-informação procurando
denegrir a imagem
dos inimigos por todos os meios.*

Nos primeiros tempos, Nagasáqui era um local hostil para os *kômôjin*, embora o acesso à cidade não lhes fosse interdito, devido à protecção que lhes era dispensada pelo *bakufu*. No final de 1613, Richard Cocks foi a Nagasáqui, juntamente com William Adams e Edmund Sayers para tentar comprar um junco; enquanto andavam pela cidade, os ingleses eram apupados pela população, que os chamava “luteranos” e “herejes”⁵⁷. Este episódio mostra-nos um outro aspecto desta rivalidade no Japão. Incapazes de

influenciar o poder político, os eclesiásticos não deixaram de virar a cristandade contra os inimigos; foi, seguramente, um esforço que não teve grandes resultados práticos, mas não deixa de ser emblemático da luta tremenda que os Europeus travavam na Ásia Oriental.

Na ocasião, Cocks e os seus companheiros não conseguiram encontrar um navio, o que é sintomático da má vontade com que foram recebidos na cidade então habitada quase só por cristãos fiéis à Igreja Católica. Ainda assim, conseguiram embarcar dois dos membros da feitoria, Tempest Peacock e Walter Carwarden, num junco de selo vermelho pertencente a um armador chinês; os dois mercadores partiram de Nagasáqui, a 18 de Março de 1614, com destino à Cochinchina, mas foram assassinados pela tripulação, pouco depois. Uma das versões correntes sobre o incidente defende que Peacock morreu, quando viajava num rio da Cochinchina, na companhia de mercadores holandeses, tendo sido vítima accidental duma retaliação dos nativos contra os neerlandeses⁵⁸; outra sustenta que Carwarden se embriagou e que ofendeu os japoneses⁵⁹. Note-se, porém, que estes sucessos não foram presenciados por companheiros das vítimas; os acontecimentos foram relatados inicialmente pelos próprios japoneses e nada nos garante que as explicações apresentadas correspondam à verdade dos factos ocorridos.

Estas mortes poderão ter sido apenas o resultado de um incidente banal ou da cobiça dos marinheiros japoneses, mas tendo em conta que a maioria deveriam ser cristãos e que estariam intimamente ligados aos portugueses de Macau e aos clérigos de Nagasáqui, parece-nos possível que os católicos europeus tenham estimulado, pelo menos, uma grande desconfiança relativamente aos passageiros ingleses, senão mesmo planeado a sua eliminação, que lhes era muito conveniente.

Como referi, o armador deste junco era um chinês, mas deve-se dizer que a comunidade chinesa de Nagasáqui era também na sua grande maioria cristã⁶⁰. Além disso, para lá das rivalidades entre europeus, a fixação da VOC e da EIC em Hirado reacendera uma outra disputa entre os dois portos nipónicos, o que também pode ajudar a explicar este incidente, pois os homens de negócios asiáticos instalados em Nagasáqui viam com inquietação o desenvolvimento do trato euro-nipónico num porto rival.

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

Nesta relação marcada pelo ódio recíproco, vemos ainda que os descontentes com as respectivas chefias tinham a oportunidade de abandonar o serviço e procurar apoio no lado inimigo. Logo à chegada do *Clove*, por exemplo, sete marinheiros desertaram e refugiaram-se em Nagasáqui, onde ficaram imunes à autoridade do comandante inglês⁶¹.

Pouco depois, vinha do centro do império a notícia fatal para a Igreja, que era recebida com grande alegria pelos protestantes, pois a 27 de Janeiro de 1614 o xogunato baniu definitivamente o Cristianismo e deu ordem para que todos os clérigos cristãos abandonassem o país. A 17 de Fevereiro de 1614, Cocks, numa carta para Richard Wickham, que estava em Edo, dava conta dos rumores que corriam acerca do édito anti-cristão, que “era bom demais para ser verdade”⁶².

Nos anos que se seguiram, os protestantes prosseguiram a sua política de difamação e beneficiaram da tensão existente entre o *bakufu* e os mercadores ibéricos⁶³. Deve-se notar que esta política terá sido seguida noutras regiões asiáticas, pois, a 8 de Dezembro de 1617, o padre Pedro Marques acusava comerciantes britânicos e neerlandeses de alimentarem intrigas contra si junto do rei do Camboja⁶⁴.

Inglês e holandeses procuravam também obstruir a acção dos missionários clandestinos, nomeadamente tentando interceptá-los no mar. Embora nem sempre fossem bem sucedidos⁶⁵, um dos episódios mais dramáticos em todo este conflito decorreu entre 1620 e 1621, precisamente quando a tripulação do *Elisabeth* interceptou um junco tripulado por Japoneses que levava dois religiosos mendicantes para o Japão, o dominicano Luís Flores e o agostinho Pedro Zuñiga. Levados para Hirado, os dois frades foram apresentados às autoridades; inicialmente estiveram aprisionados na feitoria holandesa e depois foram enviados para Edo, até que foi dado por provado que eram clérigos e foram queimados vivos em Nagasáqui, no Grande Martírio de 1622⁶⁶.

É interessante notar que Hasegawa Gonroku, o *bugyô* de Nagasáqui, que conhecia pessoalmente Zuñiga, nunca o reconheceu, o que podia ter desacreditado os mercadores protestantes, que correriam sérios riscos se a sua acusação não fosse comprovada. Gonroku estava interessado na continuidade do comércio luso-nipónico e sentia que este era prejudicado pela concorrência instalada em Hirado, pelo que terá procurado desacreditar os

protestantes junto do *bakufu*. No entanto, tal como sucedera noutras ocasiões, o bloco ligado aos interesses ibéricos perdeu este conflito e viu enfraquecida a sua situação.

John Osterwick, a 25 de Novembro de 1621, como que suspirava de alívio, ao referir a sentença final: “Butt now, God be thanked, after a great trouble of night and dayes travell we gained our procese by provinge them fathers”⁶⁷. Pouco depois, Cocks afirmava que tanto eles como os oficiais da VOC esperavam agora ser bem recebidos na corte⁶⁸.

Embora reconhecessem o modo heróico como milhares de cristãos resistiam à perseguição, os protestantes não se preocupavam com o desaparecimento duma comunidade papista, que era semelhante, por exemplo, à que os ingleses combatiam duramente no seu país. Uma carta escrita por Richard Cocks, a 10 de Março de 1620, parece-nos exemplar desta perspectiva:

“And now for news in these partes, may it please yow to understand that this emperour is a great enemye to the name of a christian, especially japons, soe that all w’ch are found are putt to death. I saw 55 martered at Miaco at one tyme when I was there because they would not forsake their christian faith, & amongst them were littell chioldren of 5 or 6 yeares’ould burned in their mothers’ armes, criing out “Jesus receve their soules. [...] There is many more in prison in divars other places, as also heare, w’ch look howrly when they shall die, for very fewe turne pagons”⁶⁹.

O modo como Cocks rejubilava pelo facto do xógum odiar os cristãos constitui, sem dúvida, um excelente exemplo para a compreensão da atitude dos holandeses e ingleses no Japão. Além disso, este documento é particularmente importante por se tratar do relato de martírios, escrito por um protestante. Com efeito, o texto do feitor da EIC é assaz semelhante aos que eram escritos na mesma altura pelos missionários. Assim, esta carta confirma-nos as imagens dramáticas que eram transmitidas pela documentação de origem católica e mostra-nos claramente o modo determinado como a cristandade enfrentou inicialmente a perseguição. A heroicidade dos baptizados nipónicos, exaltada amíude pela documentação eclesiástica, parece assim bastante verosímil. Só mais tarde, quando os oficiais do *bakufu* começaram a exigir declarações

ENCONTROS E DESENCONTOS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I



A cidade e o porto de Nagasáqui, c. 1650. Museu da Marinha, Lisboa. Extraída de *Cartografia do Encontro Ocidente-Oriente*. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1994.

individuais de Fé, é que os cristãos vacilaram a acabaram por ceder exteriormente, fenómeno que foi depois acelerado pela apostasia de Cristóvão Ferreira.

Como se percebe pela leitura dos seus textos, apesar da frieza da carta que acabámos de citar, a maior parte dos membros da VOC e da EIC que estiveram no Japão eram cristãos tão convictos quanto os mercadores de Macau ou os das Filipinas. No caso dos ingleses, sabemos que a oração em comum fazia parte dos seus preceitos formais diários, pelo menos quando estavam embarcados; além disso regiam-se oficialmente por normas de conduta rígidas, perfeitamente enquadradas na moral cristã. Por exemplo, estava estipulado que os tripulantes além de estarem proibidos de blasfemar, de fazer juras, de embebedarem-se e de roubarem, e de deverem ter um comportamento pacífico, deviam ainda participar em dois momentos de oração comunitária, de manhã e à noite⁷⁰. Em Londres, colocavam ao dispor das tripulações vários livros religiosos, nomeadamente relatos de mártires; temos ainda conhecimento que

entre os livros pessoais de Richard Cocks contava-se a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho⁷¹, o que significa que o chefe da feitoria teria, seguramente, alguns conhecimentos de Teologia.

No entanto, só a partir do final da segunda década seiscentista é que a EIC começou a preocupar-se com o envio de capelães que, inicialmente, tinham apenas por função acompanhar as tripulações dos navios e as guarnições das praças fortes. Com efeito, nesta altura, embora houvesse vozes discordantes tanto na Inglaterra como na Holanda, o Protestantismo nas Índias era quase inteiramente não proselitista⁷².

Mais tarde, em 1637, os holandeses voltaram a colaborar na repressão dos cristãos, antes de obterem o monopólio das relações euro-nipónicas. Com efeito, um navio holandês, o *De Ryp*, bombardeou os revoltosos de Shimabara, quando estes estavam já cercados no forte de Hara. Conforme é notado por Valdemar Coutinho, a intervenção da embarcação neerlandesa não foi significativa de um ponto de vista militar⁷³; teve, porém, uma importante dimensão

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

política, pois mostrou que os protestantes, além de não se interessarem pela evangelização do Japão e de não ocultarem os missionários clandestinos, estavam disponíveis para colaborar com o xogunato, mesmo para abafar uma revolta social que ganhara uma dimensão religiosa indiscutível.

Este episódio parece-nos emblemático de todo o processo que temos vindo a analisar: o sucesso holandês no país do Sol Nascente foi alicerçado na destruição da cristandade local ligada à Igreja Romana. Apesar da sua superioridade nos mares, os holandeses sentiram uma enorme dificuldade para superar os portugueses no trato nipónico, como é mostrado, por exemplo, por documentação da VOC dos anos 30 do século XVII⁷⁴.

*O modo como Cocks rejubilava
pelo facto do xógum odiar
os cristãos constitui,
sem dúvida, um excelente
exemplo para a compreensão
da atitude dos holandeses
e ingleses no Japão.*

Os protestantes tiveram, assim, um papel decisivo na rápida erradicação da Igreja do arquipélago nipónico. Apesar da reunificação política do império ter sido complementada pela adopção da noção do *shinkoku* (país dos deuses), em que a religião cristã não se encaixava, tanto Toyotomi Hideyoshi como os Tokugawa nunca quiseram prescindir do comércio com os Europeus. É muito provável que, mesmo sem o aparecimento dos *kômôjin*, o *bakufu* prosseguisse uma política marcadamente anti-cristã, mas dificilmente tomaria medidas tão repressivas como as que aplicou entre 1614 e 1639.

Note-se que Toyotomi Hideyoshi, embora tivesse expulsado os missionários, nunca procurou concretizar essa ordem, e que Tokugawa Ieyasu já se avistara com William Adams, quando se tornou no senhor absoluto do Império Nipónico; quer isto dizer que Ieyasu pôde estruturar a sua política interna na expectativa de que

os *kômôjin*, inimigos dos *nanbanjin* católicos, apareceriam e, apesar disso, só depois de ter instalados em Hirado dois grupos de “mercadores ruivos” é que desferiu o golpe final contra a cristandade. Foi preciso ainda mais um quarto de século para que o xogunato finalmente prescindisse da parceria comercial com os mercadores de Macau.

CONCLUSÃO

Parece-nos que Jerónimo Rodrigues, na carta que escreveu ao Geral da Companhia, a 18 de Março de 1614, definiu correctamente o peso dos protestantes nesta política: a expulsão dos clérigos era “matéria de estado” pelo ódio ao Cristianismo, pelo receio de futuras conquistas e pelas intrigas dos herejes⁷⁵.

Embora tenha tido uma história curta, antes de se remeter às catacumbas, a cristandade japonesa, além de ter experimentado as rivalidades corporativas entre as ordens religiosas duma mesma Igreja, conheceu a maior das contradições que marcava a vivência do Cristianismo na Europa Ocidental: a de ser uma religião cujos fiéis estavam divididos e profundamente marcados pelo ódio gerado pelas cisões recentes. A tragédia por que passava a religião cristã no Velho Continente repercutiu-se, sem dúvida, nas ilhas do Sol Nascente, no modo como os ruivos do Norte assistiram impávidos e colaboradores à chacina dos católicos; uma situação que, certamente, não teria um desfecho muito diferente se as posições duns e doutros fossem as inversas. **RC**

Nota do autor: Este artigo baseia-se em partes da minha dissertação de doutoramento, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1998, especialmente no capítulo 19. O texto integral queda inédito.



ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

NOTAS

- 1 Sobre a história do Cristianismo no Japão existe uma bibliografia vasta e importante, de que destacamos as seguintes obras: C. R. Boxer, *The Christian century in Japan*, Manchester: Carcanet Press, 1993 (edição original, 1951); Léon Bourdon, *La Compagnie de Jésus et le Japon. 1547-1570*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1993; George Elison, *Deus destroyed, the image of Christianity in Early Modern Japan*. Cambridge, Mass. / Londres: Harvard University Press, 1988 (original, 1973); Josef Franz Schütte S. J., *Valignano's mission principles for Japan*, 2 vols., St. Louis, 1980-1985; Neil Fujita, *Japan's encounter with Christianity. The Catholic mission in pre-modern Japan*, Nova Iorque: Paulist Press, 1991. Veja-se ainda o meu estudo *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaio de História Luso-Nipónica*, Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.
- 2 Sobre a presença espanhola no arquipélago do Sol Nascente, vide Juan Gil, *Hidalgos y samurais. España y Japón en los siglos XVI y XVII*, Madrid: Alianza Editorial, 1991.
- 3 Sobre a rivalidade luso-espanhola, vide o meu artigo "A rivalidade luso-espanhola no Extremo Oriente e a querela missionológica no Japão", in *O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993)* (org. Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos), Lisboa, 1994, pp. 477-524. Desenvolvi mais este tema na minha dissertação de doutoramento, citada acima, especialmente nos capítulos 5 e 15. Neste caso, o facto da Casa de Áustria dominar então todos os reinos ibéricos não provocou uma colaboração sistemática entre portugueses e espanhóis na Ásia Oriental. Com efeito, os dois impérios ultramarinos mantiveram-se separados um do outro e, por isso mesmo, perduraram as rivalidades tradicionais, acirradas, inclusive, pela dificuldade da maioria dos portugueses em aceitar a sujeição a um rei estrangeiro. Assim, as entradas dos frades de Manila no arquipélago nipónico geraram disputas sistemáticas que levaram muitas vezes os clérigos católicos a ignorar a ameaça que representavam os mercadores protestantes. Na documentação jesuítica é mais frequente os frades do *Patronato* Espanhol serem responsabilizados pelas perseguições anti-cristãs do que os agentes das companhias comerciais holandesa e inglesa.
- 4 Sobre a viagem do *Liefde* e restantes unidades da sua armada, vide William Corr, *Adams, the pilot. The life and times of Captain William Adams. 1564-1620*. Sandgate, 1995, pp. 23-37.
- 5 Carta-à-nua da vice-província do Japão de 25 de Outubro de 1600, BA, 49-IV-59, fl. 35.
- 6 Sobre Tokugawa Ieyasu, o fundador da dinastia xogunal de Edo, e as suas relações com os cristãos, vide Michael Cooper S. J., *Rodrigues, o intérprete. Um jesuíta no Japão e na China*, Lisboa: Quetzal, 1994 (original, 1974); A. L. Sadler, *The maker of modern Japan. The life of shogun Tokugawa Ieyasu*, Tóquio, 1992 (original, 1937); Conrad Totman, *Tokugawa Ieyasu: shogun*, Heian, 1983.
- 7 O capitão-mor da viagem era D. Paulo de Portugal, que permaneceu em Macau, delegando o comando da nau, na sua viagem ao Japão, em Horácio Nerete. Cf. C. R. Boxer, *The Great Ship from Amacon, Annals of Macao and the old Japan trade 1555-1640*, Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963, p. 62.
- 8 Hideyoshi foi o guerreiro que concluiu a reunificação do Império Nipónico em 1590 e que, em 1587, emitiu o primeiro édito anti-cristão, à escala nacional. Para a sua biografia vide principalmente Mary Elisabeth Berry, *Hideyoshi*, Cambridge, Mass. / Londres: Harvard University Press, 1982.
- 9 "Informação sobre a entrada dos holandeses em Japão e sobre algumas cousas que depois sucederam, feita em Janeiro de 1615". Real Academia de la Historia (RAH), Madrid, *Cortes* 9/2666.
- 10 Cf. carta de Alexandre Valignano para o assistente de Portugal. Nagasáqui, 20 de Outubro de 1600. Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), *Jap-Sin*, 14 I, fl. 27.
- 11 Cf. Diogo do Couto, *Décadas da Ásia*, XII-v-2; C.R. Boxer, *Jan Compagnie in Japan. An essay on the cultural, artistic and scientific influence exercised by the Hollanders in Japan from the seventeenth to the nineteenth centuries*, Haia, 1950, p. 26.
- 12 Cf. William Corr, *Adams the pilot...*, p. 89.
- 13 Cf. C. R. Boxer, *Jan Compagnie in Japan* ..., pp. 27-28. A relação que citei atrás, existente na Real Academia de História em Madrid, refere que os holandeses começaram a instruir os nipónicos na arte de fundir artilharia em 1612. Anteriormente, os portugueses tinham fornecido alguns canhões a Otomo Yoshishige, sem que este tivesse retirado alguma vantagem do facto; depois, duas peças ligeiras foram extremamente importantes na vitória das forças de Satsuma e de Arima contra o exército de Ryūzōji Takanobu, quando este invadira a península de Shimabara, em 1584. Cf. o meu estudo "A introdução das armas de fogo no Japão à luz da História do Japão de Luís Fróis", in *O Japão e o Cristianismo no século XVI* (cit.), pp. 71-86
- 14 Neste estudo, deixo de lado a reacção das ordens mendicantes e dos espanhóis, igualmente inimigos dos holandeses e dos ingleses, pois a sua presença no arquipélago trata-se de um fenómeno paralelo e concorrential relativamente aos jesuítas do Padroado Português do Oriente. Embora católicos como os religiosos da Companhia, ao mesmo tempo que rivalizavam com os mercadores protestantes, os comerciantes e clérigos espanhóis tentavam simultaneamente ganhar áreas de influência própria, desligadas da autoridade do vice-rei da Índia ou do arcebispo de Goa. Além disso, os espanhóis tinham debilidades semelhantes às dos protestantes pois também eles tinham chegado havia pouco tempo e não tinham as bases sólidas do bloco lusitano.
- 15 Para o estudo deste prelado, além da minha dissertação citada atrás, é fundamental o estudo de Inácia Rumiko Kataoka, *A Vida e a Acção Pastoral de D. Luís Cerqueira S. J., Bispo do Japão (1598-1614)*, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1997.
- 16 Cf. Biblioteca da Ajuda (BA), 49-IV-59, fl. 35.
- 17 Cf. BA, 49-IV-59, fl. 53v-76.
- 18 Cf. BL, *Add.* 9859, fl. 149-191.
- 19 Cf. ARSI, *Jap-Sin*, 54, fl. 218-262; BA, 49-IV-59, fl. 76-112v.
- 20 Sobre a rivalidade luso-holandesa no Oriente, no início do século XVII, vide, por exemplo, Sanjay Subrahmanyam, *The Portuguese empire in Asia, 1500-1700*, Londres / Nova Iorque: Longman, 1993, pp. 107-180; Derek Massarella, *A world elsewhere. Europe's encounter with Japan in the sixteenth and seventeenth centuries*, New Haven / Londres: Yale University Press, 1990, pp. 314-323; Jonathan I. Israel, *Dutch primacy in world trade, 1585-1740*, Oxford: Oxford University Press, 1989, pp. 38-196.
- 21 Sobre o peso político da cristandade nipónica no final do século XVI veja-se o meu estudo "Tokugawa Ieyasu and the Christian *daimyo* during the crisis of 1600", in *Bulletin of Portuguese-Japanese Studies*, Lisboa, n.º 7, 2003, pp. 45-71.
- 22 Cf. William Corr, *Adams the pilot...*, p. 87.
- 23 *Ibidem*, p. 93.
- 24 *Ibidem*, pp. 97-98.
- 25 Cf. C. R. Boxer, *The Christian century in Japan...*, p. 285.
- 26 O primeiro jesuíta terá aparecido junto aos sobreviventes do *Liefde* dois ou três dias depois da sua chegada. Cf. carta de William Adams

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

- para um amigo em Bantém. Hirado, 23 de Outubro de 1611. *The English Factory in Japan, 1613-1623*, ed. Anthony Farrington, Londres: British Library, 1991, I, p. 68.
- 27 Cf. Josef Franz Schütte S. J., “A visita do superior jesuítico de Osaka à casa de Will Adams (Osaka, Julho 160)”, in *Revista da Universidade de Coimbra*, 1980, pp. 209-230.
- 28 Cf. Michael Cooper S. J., *Rodrigues, o intérprete...*, p. 211.
- 29 Cf. C. R. Boxer, *The Christian century in Japan...*, p. 288; William Corr, *Adams the pilot...*, p. 111.
- 30 Cf. William Corr, *Adams the pilot...*, p. 109. Sobre a evolução desta batalha naval vide Saturnino Monteiro, *Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa*, vol. V, Lisboa: Liv. Sá da Costa, 1994, pp. 29-40.
- 31 Cf. Derek Massarella, *A world elsewhere...*, p. 83.
- 32 Segundo a *Informação* da Real Academia de História.
- 33 Cf. C. R. Boxer, *The Christian century in Japan...*, p. 289; William Corr, *Adams the pilot...*, p. 111
- 34 Cf. RAH, *Cortes*, 9/2666, fl. 309
- 35 Cf. RAH, *Cortes*, 9/2666, fl. 309v.
- 36 Cf. carta do rei para o governador das Filipinas. 19 de Dezembro de 1611. Arquivo General de Indias (AGI), *Filipinas*, 329, livro 2, fl. 140v-141.
- 37 Tokugawa Ieyasu, que assumiu este título em 1605, após abdicar do de xógum no seu herdeiro, Tokugawa Hidetada.
- 38 Carta de Francisco Pasio para o Padre Geral. BL, *Add.*, 9860, fl. 204.
- 39 Cf. ARSI, *Jap-Sin*, 56, fl. 165.
- 40 Cf. C. R. Boxer, *The Christian century in Japan...*, p. 289.
- 41 Cf. William Corr, *Adams the pilot...*, p. 112.
- 42 Cf. Derek Massarella, *A world elsewhere...*, p. 86.
- 43 Cf. C. R. Boxer, *The Christian century in Japan...*, p. 290; William Corr, *Adams the pilot...*, p. 112.
- 44 *Informação*, RAH, *Cortes*, 9/2666.
- 45 ARSI, *Jap-Sin*, 15 I, fl. 144.
- 46 Cf. carta de D. Luís Cerqueira para o rei. Nagasáqui, 15 de Novembro de 1612. RAH, *Cortes*, 9/2666, fl. 174-175v.
- 47 Cf. RAH, *Cortes*, 9/2666, fl. 260.
- 48 Cf. ARSI, *Jap-Sin*, 21 II, fl. 295-296.
- 49 Esta expedição tinha por missão principal descobrir uma passagem para o Cataio. “Their instructions included advice by the cosmographer Dr. John Dee on how to behave themselves should they reach. Dee added that “[y]ou may also have opportunitie to saile over to Japan Island where you shall finde christian men, Jesuits of many countreys of christendome, and perhaps some englishmen, at whose handes, you may have great instruction and advise for your affaires in hand”. Derek Massarella, *A world elsewhere...*, p. 64.
- 50 *Ibidem*, p. 127.
- 51 *Ibidem*, p. 95.
- 52 *Ibidem*, p. 64.
- 53 *Ibidem*, pp. 70, 90-96
- 54 *Ibidem*, pp. 106-124.
- 55 *Ibidem*, pp. 137-139. A loja de Tsushima foi encerrada rapidamente e a de Edo resultou duma decisão de Richard Cocks, pois John Saris determinara a sua abertura em Sunpu, junto à corte de Ieyasu.
- 56 *The English Factory in Japan...*, I, p. 68.
- 57 Cf. C. R. Boxer, *The Christian Century in Japan...*, p. 306.
- 58 Cf. *The English Factory in Japan...*, II, p. 566.
- 59 Cf. Derek Massarella, *A world elsewhere...*, p. 156.
- 60 A documentação portuguesa demonstra claramente que a comunidade chinesa estante em Nagasáqui nos primeiros anos do século XVII estava identificada com o Cristianismo e mesmo com os interesses do eixo Macau-Nagasáqui. Sabemos, por exemplo, que nos primeiros anos da perseguição, alguma da comunicação entre Macau e os padres que permaneceram clandestinamente no Japão se fez por via de mercadores chineses. De tal forma a comunidade china original estava ligada ao Cristianismo que só passada uma década da expulsão dos clérigos católicos é que foram edificadas templos budistas na cidade.
- 61 Numa carta de Richard Cocks para os directores da Companhia, em Londres, escrita a 30 de Novembro de 1613, é referido que esses marinheiros “took sanctuary in the papist churches, and were secretly conveyed away for the Phillipines per the Jesuits”. *The English Factory in Japan...*, I, p. 99.
- 62 “Here is reports that all the papist jesuits friars and priests shall be banished out of Japan as well at Langasaque as elsewhere, but I doubt the news is too good to be true”. *The English Factory in Japan...*, I, p. 134.
- 63 A título de exemplo, cite-se uma carta de Janeiro de 1617, em que Richard Cocks dava conta do embaraço em que se encontrara um mercador português, quando fora questionado pelo secretário do xógum sobre a possibilidade de religiosos japoneses pregarem a sua religião em Goa, ao que o dito comerciante tivera que reconhecer que isso seria proibido. Cf. *The English Factory in Japan...*, I, p. 563.
- 64 Cf. carta de Pedro Marques para o assistente de Portugal. ARSI, *Jap-Sin*, 35, fl. 241-241v.. Sobre os choques entre portugueses e seus rivais protestantes na Indochina, encontramos informações interessantes em *Cartas Anuas do Colégio de Macau (1594-1637)* (ed. João Paulo Oliveira e Costa e Ana Fernandes Pinto): Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses e Fundação Macau, 1999.
- 65 Ao relatar a sua reentrada no Japão, o padre Gaspar de Castro relatava que viajara durante 26 dias escondido no porão e que o navio fora abordado por holandeses. Cf. carta para o assistente de Portugal. Arie, 30 de Setembro de 1621. ARSI, *Jap-Sin*, 34, fl. 192.
- 66 Cf. Derek Massarella, *A world elsewhere...*, pp. 275, 290-296.
- 67 Carta de John Osterwick para Richard Fursland, em Batávia. Hirado, 25 de Novembro de 1621. *The English Factory in Japan...*, II, p. 864.
- 68 Carta de Richard Cocks para Richard Fursland, em Batávia. Hirado, 16 de Dezembro de 1621. *The English Factory in Japan...*, II, p. 868.
- 69 Carta de Richard Cocks para Sir Thomas Wilson, em Londres. Nagasáqui, 10 de Março de 1620. *The English Factory in Japan...*, I, p. 779.
- 70 Cf. Derek Massarella, *op. cit.*, p. 96. Veja-se que quando John Saris regressou a Inglaterra, em Setembro de 1614, foram descobertos na sua bagagem pessoal livros lascivos que ele obtivera no Japão, que lhe foram confiscados e queimados publicamente, em Janeiro de 1615. Cf. *Ibidem*, p. 126.
- 71 *Ibidem*, p. 96.
- 72 Cf. Derek Massarella, *A world elsewhere ...*, p. 334. A este propósito, Stephen Neill, referindo-se ao caso inglês, afirma: “In general the East India Company was hostile to missionary effort, not so much on principle, as because it had lived on the basis of non-interference with customs of the country, and feared that religious propaganda might provoke the resentment of the inhabitants and so prove harmful to the development of commerce”. Stephen Neil, *A history of Christian missions ...*, p. 198.
- 73 Cf. Valdemar Coutinho, *O Fim da Presença Portuguesa no Japão*, Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal 1999, p. 55.
- 74 Cf. Natália Tojo, “The anxiety of the silent traders. Dutch perception of the Portuguese banishment from Japan”, in *Bulletin of Portuguese-Japanese Studies*, Lisboa, vol. 1, 2000, pp. 111-128.
- 75 Cf. ARSI, *Jap-Sin*, 16 I, fl. 33v.